

Ato em defesa da PUC-SP mobiliza comunidade estudantil

O movimento estudantil da PUC-SP realizou um grande ato em defesa da universidade, na última quinta-feira, 26/5. Sob as bandeiras de retomar as lutas travadas durante todo o ano passado, por mais bolsas de estudos, abertura de vagas na brinquedoteca, redução de mensalidades e do preço do bandeirão; contra a precarização do trabalho docente e em defesa da qualidade do ensino, os estudantes se reuniram na Prainha e deixaram claro que não vão aceitar que os gestores da universidade priorizem o lucro em detrimento de uma educação emancipatória.

Representantes de quase todos os cursos pegaram o microfone para apresentar à comunidade suas reivindicações. Apesar das especi-

fidades das demandas de cada curso, todas apontavam para o processo de mercantilização do ensino como um todo no país e como a intervenção da Fundação São Paulo na PUC-SP tem potencializado esse processo dentro da Pontifícia. Desde as arbitrariedades contra os estudantes até a perda de autonomia da universidade.

Após as falas, os estudantes saíram em ato até as portas da Reitoria, onde cobraram do reitor Dirceu de Mello as promessas feitas após a ocupação, no ano passado, como o preço do bandeirão, que segue o mesmo, e a abertura da brinquedoteca.

Finalizando o ato, os estudantes se dirigiram ao TUCA, onde se realizavam as atividades culturais dos 140 anos da Comuna de Paris.



Estudantes realizam ato em defesa da PUC-SP na Prainha



Acima uma das sessões da Semana. Abaixo, capa da Revista PUCviva, lançada no evento.

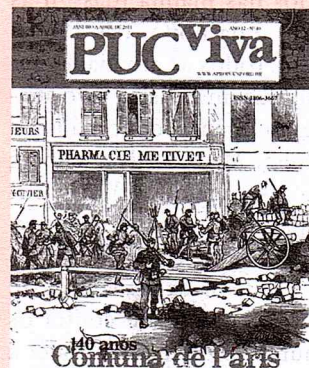
Edição especial do PUCviva documenta os "140 anos da Comuna de Paris"

Durante a semana passada aconteceu na PUC-SP o evento comemorativo dos 140 anos da Comuna de Paris. Com promoção da APROPUC, Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais (NEILS), Núcleo de História, Trabalho Ideologia e Poder e o Conselho dos Centros Acadêmicos da PUC-SP (CCA), apoiados pela Faculdade de Ciências Sociais. A semana "140 anos da Comuna de Paris - Tomando o céu de assalto: da Comuna de Paris a Oaxaca" reuniu intelectuais, militantes e artistas da PUC-SP e de várias universidades do país para discutir a importância da comemoração.

Todas as palestras e eventos culturais contaram com a presença ma-

ciça da comunidade e de vários participantes externos, constituindo-se em um evento poucas vezes visto na universidade, pela diversidade de perspectivas abordadas e pela ampla participação.

Nesta semana, juntamente com a edição normal do PUCviva, estamos publicando uma edição especial comemorativa do evento, onde estão registradas todas as atividades ocorridas na PUC-SP.



Consad discute questões dos estudantes de Direito

Ocorreu na terça, 24/5, mais uma reunião do Conselho Superior de Administração (Consad). Além dos assuntos corriqueiros como compras, autorização de eventos, processos e contratação de funcionários, o Consad debateu o processo de busca de empresas para realizar as obras no Complexo Administrativo, que devido a reforma da Faculdade são urgentes para abrigar a rede PUC, a TV PUC, e a Agência de Jornalismo Online, além disso o órgão aprovou duas bolsas institucionais para estudantes da PUC-SP.

Questões dos estudantes do curso de Direito foram vastamente debatidas, como a pauta colocada pelo presidente do CA 22 de Agosto, que teve sua ordem antecipada a pedido do reitor, que pedia à PUC-SP um auxílio financeiro de 40 mil reais para realização de um livro fotográfico e documentário sobre os 65 anos do Centro Acadêmico, mesma idade da fundação da PUC-SP. O conselho achou o valor muito alto mas cogitou disponibilizar metade da verba, porém pre-

feriu voltar a estudar posteriormente, após outras avaliações dos custos. Além da pauta do Centro Acadêmico, estudantes do grupo Construção Coletiva, também do curso de Direito, pediram à universidade alojamento na PUC-SP e verba para alimentação do Conered (Conselho Nacional das Entidades Representativas de Estudantes de Direito) - atividade anterior ao Encontro Nacional dos Estudantes de Direito (ENED), o qual esses estudantes estão organizan-

do - 5 mil reais para confecção de materiais de divulgação do encontro na PUC-SP e para custeio de crachás e materiais de identificação, além de verba para que 20 estudantes prounistas da PUC-SP possam pagar a taxa de inscrição do encontro (cerca de 2500 reais). A pauta teve que ser negociada entre as estudantes presentes e os conselheiros, que cordaram apenas em ceder 6 mil reais para todos os custos e ceder o espaço da PUC-SP para as reuniões do Conered e não para o alojamento.

Liberdade é o tema da Semana de Jornalismo da PUC-SP

Começa nesta segunda-feira mais uma Semana de Jornalismo da PUC-SP. A atividade já é tradicional no curso, ocorre todos os anos no final do mês de maio e é organizada em conjunto pelos estudantes, Centro Acadêmico e professores.

A Semana de Jornalismo ocorrerá na sala 239 do campus Monte Alegre da PUC-SP, entre os dias 30/5 e 3/6, contando com debates e entrevistas coletivas, nos períodos das manhã (das 9h às 12h) e da noite (das 19h às 22h). Todos as atividades serão transmitidas ao vivo através da Agência de Jornalismo Online Maurício Tragtenberg (acesse: agemt.org). A participação é gratuita e não necessita de inscrição.

O tema da Semana desse ano é "Liberdade contra os muros" e pretende debater a questão da liberdade na socie-

dade frente a diversas questões. As atividades se iniciam na segunda pela manhã com aula inaugural do professor de filosofia da USP, Paulo Arantes, debatendo a liberdade no Brasil contemporâneo. Já no período noturno serão questionados os sistemas políticos de países com Cuba, Estados Unidos e China.

Na terça, 31/5, pela manhã, ocorrerá uma coletiva de imprensa sobre Liberdade e Esportes, contando com a presença de Mauro Beting (Jornalista) e João Paulo de Jesus Lopes (Diretor do SPFC). No período noturno o debate será sobre as políticas de comunicação.

A Semana contará também com a questão dos documentários e do cinema, na quarta, com Kiko Goifman pela manhã, e pela noite com Inácio Araújo e Carlos Reichenbach. Na quin-

ta a liberdade na imprensa será questionada, tanto na questão de jornalistas demitidos por expressar sua opinião quanto em relação ao papel dos ombudsmen nos jornais, com nomes como os jornalistas Ricardo Soares e Leonardo Sakamoto, o fotógrafo João Zinclar, Suzana Siger, ombudsmen da *Folha de S. Paulo*, e Luciano Martins Costa, do Observatório da Imprensa.

Na sexta pela manhã, midi-

ativismo e liberdade nos movimentos sociais serão debatidos com representantes do Movimento Passe Livre, Marcha da Maconha e Fórum Social Mundial, e Pablo Ortelado, e o encerramento das atividades será pela noite com o espetáculo "Carne - Patriarcado e Capitalismo", do grupo Kiwi que, após a apresentação, fará uma roda de conversa, junto ao Coletivo Feminista 3 Rosas, do CA Benevides Paixão.

PUCViva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Ana Carolina Andrade, Marina D'Aquino, Thiago Cara e Camila Maia (especial 140 anos da Comuna de Paris)

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimaraes

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischofordt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Professora analisa mudança do perfil acadêmico da PUC-SP

Sandra Machado Lunardi Marques ingressou na Faculdade de Educação em março de 1974, na equipe de Filosofia da Educação. Até 2006 ministrou aulas da disciplina no Plano Geral da Licenciatura, hoje substituído pelo PIFPEB, e no curso de Pedagogia, tendo exercido a coordenação do primeiro e do último. Hoje ela é nossa entrevistada na sessão que discute a precarização das condições de trabalho e ensino na PUC-SP.

A meu ver a maximização coincidiu com as reformas curriculares ocorridas nos últimos anos agravando condições de trabalho e qualidade dos cursos que ministramos.

Se trabalhar com a carga máxima (18 horas-aulas ou até nove turmas) já é insuportável, o que tem levado muitos professores a reduzi-la, imaginem quando se trata de assumir programas equidistantes de sua área epistemológica. Tal

fato é uma realidade criada pela reforma curricular do curso de Pedagogia para atender as Diretrizes Curriculares Nacionais do MEC no que se refere à formação de professores para a educação infantil e séries iniciais do primeiro grau, gerando a substituição de disciplinas como Filosofia, Sociologia, Psicologia e História da Educação por unidades e eixos temáticos. Em decorrência a cada semestre os professores do Departamento de Fundamentos da Educação disputam entre si os novos conteúdos expondo-se a desgastes pessoais sistemáticos.

Portanto, deslocamentos da área epistemológica em função de um critério de atribuição de aulas que privilegia a "data da última homologação do concurso e/ou avaliação contínua pelo Consun e/ou Consad" classificam apenas quem escolhe primeiro quem é o melhor professor para determinado conteúdo.

Do ponto de vista mais amplo gostaria de fazer dois comentários: é inadmissível

que uma universidade com a história política da PUC-SP permita que 20% da carga horária de sua graduação seja cumprida online.

O ensino deve ser presencial para que o aluno aproveite todas as oportunidades intra e extra-curriculares para ampliar sua visão de mundo, sua consciência política e a natureza de sua intervenção profissional.

Todo professor luta contra hábitos arraigados que ele traz para a sala de aula, resultantes de anos frente à TV e ao computador - agitação, resistência à leitura e escrita, dispersão e preconceitos. Nada como o trabalho sistemático e coletivo de análise de fatos objetivos através de teorias e métodos consistentes e rigorosos para que o aluno se aproprie da complexidade do real.

Estar presente na faculdade diariamente é acima de tudo estar aberto à riqueza de oportunidades que ela oferece durante e entre as aulas - semanas temáticas, eventos, debates, mobilizações em função de causas político-culturais, ter acesso a

cinema, música, teatro, em suma, ao grupo de iguais que se diferenciam nesse contexto. Sacrificar 20% desse tempo com atomização virtual é um contrasenso que reforça a "indústria cultural" e não a educação: O predomínio de aulas de dois créditos superficializa qualquer currículo, assim como a falta de consenso a respeito da natureza das 100 horas das "atividades complementares" reduzem-nas a meras formalidades burocráticas; embora seu controle fique a cargo dos professores, tornando-se mais uma responsabilidade atribuída além das horas-aulas. O mesmo ocorre com a Iniciação Científica, atividade que tem sido evitada pela maioria por conta do grau de exigência que demanda, sem que o professor-orientador tenha acréscimo de salário.

Nesse sentido, minha proposta, em nome de melhores condições de trabalho e qualidade dos cursos é que, reivindicemos horas aulas para Iniciação Científica e orientação de TCC e que elas sejam padronizadas para toda a universidade.

Comunidade já convive com obras no Corredor da Cardoso

Durante a semana passada foram colocados os tapumes no Corredor da Cardoso de Almeida para que as obras de construção dos novos prédios da PUC-SP tenham início nos próximos dias. Porém, até o momento, a maioria dos ocupantes do espaço não sabem o seu destino nos próximos dois anos, enquanto durar a obra. Pior do que isso são os constantes boatos de que a água e a luz serão cortadas antes das aulas deste semestre acabarem, e que só restaria para os cursos da

Faficla o campus Ipiranga.

A Associação dos Funcionários (AFAPUC), que também integra o espaço, procurou o professor Dirceu de Mello para discutir possíveis soluções para a sua transferência de local. O reitor garantiu que antes de um mês o espaço não será desativado e que as possíveis soluções estão sendo viabilizadas.

A AFAPUC está sediada há mais de 30 anos no corredor da Cardoso, numa casa que possui sete salas, abrigando o atendimento ju-

rídico e administrativo aos funcionários, o jornal *PUCviva*, além de salas de convivência do pessoal administrativo.

Aproveitando a presença dos alunos de Jornalismo foi discutida também a situação do curso que tem boa parte de suas aulas naquele espaço. Os representantes do CÂ Benevides Paixão mostraram novamente a sua preocupação com a mudança de suas aulas e de sua sede para outro campus. O professor Dirceu garantiu novamente que, no que de-

pende dele, o curso de Jornalismo não sairá das imediações do campus Monte Alegre. Quanto à volta dos cursos às futuras instalações, o reitor também assegurou que os primeiros a ocuparem o novo espaço da universidade serão os alunos dos cursos que hoje estão sofrendo com a construção de novos prédios. Porém, o professor Dirceu lembrou que ele não deverá estar ocupando a Reitoria quando isto acontecer, pois já declarou ser contra reeleições.

Concursos e carreira docente dominam pauta do Consun

Os temas principais da sessão ordinária do Consun de maio foram as promoções e concursos para carreira docente. Logo de início, quando o professor Dirceu de Mello abriu os trabalhos de homologação das avaliações contínuas, a professora Maria Amália Andery lembrou do compromisso assumido na sessão anterior para que na pauta constasse a discussão dos critérios para a ascensão na carreira.

O reitor afirmou que o tema não seria colocado em pauta naquele momento, uma vez que a reitoria não tinha um quadro completo dos problemas que surgiram em relação a promoção ou ingresso na carreira de vários professores. Assim foi agendada uma reunião ex-

traordinária para as próximas semanas para discutir o assunto.

CONCURSO NO DIREITO

Contudo, o tema mais polêmico, e que tomou mais de duas horas de discussão do Conselho, foi o concurso que seria realizado na Faculdade de Direito, para titulares e associados de alguns departamentos.

Segundo o diretor da unidade, professor Marcelo Figueiredo, os diversos departamentos que teriam professores em condições de ascender na carreira deveriam prestar o concurso, mesmo que o quadro de vagas da universidade tivesse passado apenas pelo

Cepe, mas sem a homologação do Consun.

Por meio de uma denúncia de professores da Faculdade de Direito, os secretários-executivos da Fundação São Paulo ficaram sabendo da realização dos concursos e imediatamente enviaram carta ao reitor alegando que o professor Marcelo estaria incorrendo em procedimentos abusivos.

O reitor conclui, porém, que a abertura de concursos sem a aprovação do quadro de vagas pelo Consun, não constituía um abuso de poder, mas que era um problema acadêmico que deveria ser analisado pelo Consun.

O professor Ely Dirani, representante docente da Faculdade de Ciências Matemáticas, foi encarregado de relatar o processo e concluiu

em sua decisão que os concursos deveriam ser suspensos temporariamente, até que houvesse uma aprovação no Consun do quadro de vagas da universidade.

Após acalorada discussão, que lembrou os bons tempos em que o Conselho Universitário era o órgão máximo da universidade, o parecer do professor Ely foi aprovado por ampla maioria dos presentes, ficando assim suspensos os concursos. Os conselheiros, no entanto, pediram rapidez na aprovação do quadro de vagas da universidade.

No início da sessão o Consun aprovou uma moção de pesar pelo falecimento do professor Paulo-Edgar de Almeida Resende, da Faculdade de Ciências Sociais, ocorrido no dia 12/5.

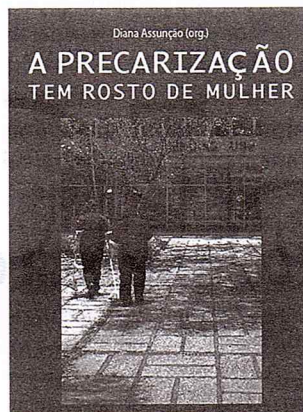
Livro discute precarização do trabalho e mulheres

No próximo dia 1/6, às 19h, na sede da APROPUC, será lançado o livro "A precarização tem rosto de mulher", que conta a história da luta das trabalhadoras e trabalhadores terceirizados da USP em 2006. Organizado por Diana Assunção, diretora do Sintusp, o livro conta também com a apresentação das professoras Claudia Mazzei, da Universidade Federal de Santa Catarina, e Beatriz Abramides, presidente da APROPUC, que coloca a luta das terceirizadas como "uma rica experiência na qual as mulheres trabalhadoras exploradas, em sistema semi-escravo, buscam a auto-organização".

O livro reconta a história da greve de 2005 dos trabalhadores da Dima, empre-

sa contratada para limpeza da USP, quando os terceirizados se mobilizaram contra as péssimas condições de trabalho, contra assédios morais dos mais variados tipos e contra os recorrentes atrasos salariais. Em entrevista, Silvana, trabalhadora terceirizada, negra, mãe de família, e uma das protagonistas daquele conflito, relembra que algumas encarregadas chegavam a chamar os trabalhadores de "escravos", além das humilhações provindas da própria patronal.

A publicação traz ainda diversos relatos que escancararam como a terceirização atua a favor do processo de precarização do trabalho. Histórias sobre a vida e luta de Konstantina Kuneva, trabalhadora terceirizada que



sofreu um brutal atentado da patronal por conta de sua participação política na Grécia, em 2008, e a entrevista com Catalina Balaguer e Lorena Gentile, duas dirigentes sindicais na Argentina, que relatam suas lutas em defesa dos direitos das trabalhadoras e no combate contra a terceirização, são apenas alguns exemplos disso.

"A precarização tem rosto de mulher" é parte da coleção Iskra Mulher, que já publicou outros títulos, como "Pão e Rosas - identidade de gênero e antagonismo de classe no capitalismo" e "Lutadoras - histórias de mulheres que fizeram história".

Durante a recente paralisação dos funcionários da empresa União, também contratada para a limpeza da USP, o livro foi apresentado para as terceirizadas em greve, mostrando que a triste realidade da precarização e suas lutas não são um caso isolado e que a terceirização, apesar de já estar extremamente presente na sociedade, deve ser combatida por toda classe trabalhadora.

Belo Monte: Por que até a OEA pediu que Dilma interrompesse o projeto?

Flávio Almeida Reis

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) atendeu à demanda das comunidades que sofrerão os impactos da usina de Belo Monte (PA) e solicitou que Dilma suspendesse o processo de licenciamento e construção da hidrelétrica de Belo Monte. A OEA se baseou nos questionamentos das populações sobre o prejuízo aos direitos das comunidades tradicionais da bacia do Rio Xingu.

Dissemos que é correto o pedido de suspensão de Belo Monte. Mas atenção! Sabemos que não podemos ter ilusão na OEA. Esta é uma organização que visa defender a ordem burguesa e os interesses imperialistas. Por exemplo, sobre questões de "direitos humanos" a OEA trata de forma diferente casos em Cuba e nos EUA.

Ser ouvido, de forma séria. Essa é a principal reivindicação de indígenas, ribeirinhos e pequenos agricultores que sofrerão os impactos diretos de Belo Monte. A usina, planejada para ser construída na região de Altamira (PA) é projetada para ser a terceira maior do mundo. As audiências públicas que deveriam se destinar a fornecer informações sobre a obra a todos os atingidos, no

caso de Belo Monte, foram construídas como mera formalidade. Apenas para dizer que ocorreram. Vejam:

"Algumas audiências foram marcadas pela exclusão da população atingida, que, na prática, teria que se deslocar até 200 km para ir a um auditório, onde, no máximo, teriam direito a três minutos de fala. Isto pode ser tudo, menos audiência pública destinada a permitir a participação da população atingida pela obra. (...) Tem-se desde o desprezo à necessidade de ouvir as comunidades até o risco de cooptação de lideranças. As comunidades não foram ouvidas e, embora afetadas diretamente, há um discurso oficial que nega que Belo Monte seja um caso concreto de aproveitamento de recursos hídricos de áreas indígenas e, com isto, retira das comunidades boa parte do seu protagonismo." (Ubiratan Cazetta - Procurador da República pelo estado do Pará).

O que se passa aqui é a continuidade do odioso desrespeito à cultura e à dignidade dos índios. E a contradição é ainda maior porque temos o PT na presidência do Brasil e o governo insiste em se comportar como um rolo compressor. No caso de Belo Monte, o governo inventou um artifício jurídico para manobrar as leis ambientais; cassou a liminar do

Ministério Público do Pará sem responder adequadamente aos pertinentes questionamentos sobre os enormes impactos sociais do projeto; e ainda nega o alerta de engenheiros que afirmam que Belo Monte provavelmente não produzirá energia suficiente para ser construída. Por isso, neste caso, concordamos com a OEA: Belo Monte não passa de uma grande farsa.

Recentemente a OEA condenou o Brasil na Corte Interamericana de Direitos Humanos por não punir os responsáveis pelo desaparecimento de militantes da guerrilha do Araguaia. Lembremos que isso aconteceu há mais de 30 anos, durante a ditadura militar. E a mesma luta dos trabalhadores que derrotou a ditadura, anos depois, também elegeu Lula e Dilma. Porém ainda há uma forte participação de partidos burgueses no governo do PT. É isso que está fazendo o governo ser tão autoritário e negar, no caso de Belo Monte, a realização de consultas públicas às comunidades, com tradução para os idiomas de cada etnia, por exemplo. O governo tem se recusado a tomar os cuidados para evitar a disseminação de doenças e para reduzir o dano às comunidades indígenas "em isolamento voluntário" na bacia do Xingu.

Precisamos exigir que

o PT rompa as alianças com os partidos burgueses. A irresponsabilidade em insistir com Belo Monte tem origens na pressão de expandir a fronteira capitalista para a Amazônia, modernizando a infra-estrutura dos corredores de exportação de minérios e produtos agropecuários. Precisamos lutar por um outro desenvolvimento, por um desenvolvimento socialista.

Flávio Almeida Reis é Mestrando em Geografia na Universidade Federal Fluminense.

O artigo foi publicado originalmente em: http://www.marxismo.org.br/index.php?pg=artigos_detalhar&artigo=759

Para outros artigos do autor sobre este tema http://www.marxismo.org.br/index.php?pg=artigos_detalhar&artigo=702 http://www.marxismo.org.br/index.php?pg=artigos_detalhar&artigo=716

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

FALA COMUNIDADE

Defender a Faficla, a comunidade, e uma PUC democrática

Mais antigo do que a promessa de reformas no Corredor da Cardoso, somente os dias em que a PUC-SP era conhecida por dar voz à sua comunidade. Mas, por mais incrível que possa soar, a reforma finalmente saiu do papel e já se materializa nos tapumes colocados no portão da Cardoso de Almeida, enquanto o caráter democrático, um dos pilares fundamentais da história desta universidade, caminha para ser soterrado de uma vez por todas.

Quando a Fundação São Paulo, após reunião do Consad, há cerca de um mês, autorizou o início das obras já para o mês de maio, toda comunidade puquiãna foi pega de surpresa. A falta de informação sobre a lendária reforma da Comfil (sim, na época ainda Comfil e não Faficla) deu margem para o surgimento de boatos de todas as espécies.

Desde a realocação dos estudantes em outros campi até a transformação da nossa universidade - da comunidade, dos professores, estudantes e funcionários, e não da Fundasp - em algo semelhante a um shopping center.

De oficial até o momento, para os estudantes, apenas a informação de que em agosto ninguém mais poderá ter aulas nos prédios da Faficla. Estamos no final de maio, a apenas dois meses do prazo para realocar toda a comunidade, e ninguém sabe para onde irão as sa-

las dos cursos de Jornalismo, Publicidade, Letras, Multimeios e Filosofia. Assim como a sede da AFAPUC, que abriga vasto arquivo, além da redação do jornal *PUCviva*, sala de convivência, banheiros e cozinha. Para onde vão os laboratórios de vídeo, rádio, Rede PUC, Agência Online; o Lael, a Clínica de Psicologia, o Xerox, Atlética de Comunicação e o nosso Benevides Paixão?

Além de perder todos esses espaços, para nós, do Centro Acadêmico Benevides Paixão não é simplesmente uma sala ou a nossa sede que estaremos perdendo, é a nossa história - contada brevemente nas paredes do nosso CA -, tudo foi conquistado com muito debate e luta. Perderemos algo muito significativo e único, que é o nosso espaço de convivência, nosso Pátio do Benê. Entender os espaços de convivência em uma universidade, principalmente como a PUC-SP, é ter a compreensão de que o nosso aprendizado, enquanto estudante, é muito além da sala de aula.

Não nos tornaremos seres humanos ou profissionais completos, se nos determos apenas à academia. A universidade também se faz nos debates, no movimento estudantil, nos atos, nas festas, no dia a dia que só essa PUC-SP, democrática e plural, que abrigou Perseu Abramo, Florestan Fernandes, Maurício Tragtenberg, a

luta contra a ditadura militar, célebres debates, movimentos sociais, pode ter. Não deixaremos que essa PUC-SP utilize sua história de luta para vender uma imagem que não é sua administração que constrói, mas sua comunidade, que diariamente combate tudo o que se tenta realizar para que aqui se transforme em mais uma universidade qualquer, onde diploma é apenas negócio e o ensino só prepara para o mercado de trabalho.

Ao questionarmos o nosso futuro, as instâncias administrativas da universidade nos pedem calma e paciência, asseguram que "tudo dará certo". Porém, na nossa história de estudantes que lutam por uma universidade democrática, voltada à comunidade, que preste assistência ao estudante, que não elitize o acesso e permanência à educação, que sirva para a construção de uma sociedade emancipadora, em nossas lutas, temos diversas experiências em que fomos tratados, pelas Reitorias, pró-reitorias, direções de faculdade, Fundação São Paulo, com truculência, repressão e ausência de diálogo.

Tivemos militantes do nosso CA processados, inclusive na justiça criminal, por ocuparem a reitoria; foram e são perseguidos cotidianamente pela Graber - não pelos seguranças que apenas realizam seu trabalho, mas pela ordem daqueles que os colocaram aqui para que garantam uma uni-

versidade que se cala e não protesta.

Desde que se iniciou o processo de intervenção da Fundasp na universidade tem sido assim. A PUC-SP vem perdendo sua autonomia a cada dia, sofrendo com as constantes pressões da Fundação. Invariavelmente, ao se priorizar o aumento na arrecadação acima de qualquer coisa, se esquece do principal: a educação como elemento emancipador. E a comunidade puquiãna está atenta a isso. Já deu mostras que não aceitará calada a inversão da lógica de ensino dentro da nossa universidade. E desta vez não será diferente.

Não é por mero apego ao espaço que se questiona a reforma, ninguém é contrário às obras na Faficla. É muito fácil perceber a importância e a urgência de alterações nas instalações precárias do prédio. Contudo, isso não justifica um processo atropelado, pouco transparente e que exclui os interesses da comunidade, principal atingida pela situação.

É por isso que convocamos tod@s estudantes e demais setores dessa universidade para, na próxima terça-feira, 31/5, às 11h30 e às 18h30, participarem da assembleia que debaterá nossas ações daqui pra frente.

Vem pra luta vem, porque a PUC é nossa!

Centro Acadêmico Benevides Paixão, gestão Dessossego

MOVIMENTOS SOCIAIS

Líderes extrativistas são assassinados no Pará

Na terça-feira, 24/5, em Nova Ipixuna, no Pará, dois líderes extrativistas foram assassinados, marcando mais uma atrocidade contra os movimentos sociais no Brasil. José Cláudio Ribeiro da Silva e sua esposa Maria do Espírito Santo da Silva foram emboscados por pistoleiros em uma estrada e executados com tiros na cabeça. José Cláudio teve ainda a orelha decepada e, provavelmente, levada pelos assassinos como "prova da execução".

O casal era líder dos assentados do Projeto Agroextrativista Praia Alta da Piranheira, onde vivem cerca de 500 famílias. Vinham sendo ameaçados de morte por madeireiros e carvoeiros há muitos anos, porém, mesmo tendo denunciado as ameaças às autoridades nacionais e internacionais, nunca receberam proteção.

O casal era integrante do Conselho Nacional de Populações Extrativistas (CNS), ONG fundada por Chico Mendes, que luta pela preser-

vação das florestas na Amazônia. Viviam e produziam de forma sustentável em um lote de aproximadamente 20 hectares, dos quais 80% eram de floresta preservada. Sua produção era baseada no extrativismo de óleos, castanhas e frutos de plantas nativas, como cupuaçu e açaí. No projeto de assentamento vivem aproximadamente 500 famílias. A APROPUC, juntamente com o MST, realizaram na próxima semana um ato em protesto contra os assassinatos.

Câmara dos Deputados aprova novo Código Florestal

Na última segunda-feira, 23/5, foi aprovado, na Câmara dos Deputados, o novo Código Florestal, por ampla maioria de votos. Os 410 votos favoráveis, contra apenas 63 votos e uma abstenção ao texto-base do relator Aldo Rebelo (PC do B), apenas reafirmaram a força da bancada ruralista no Congresso Nacional.

O texto aprovado prevê, por exemplo, a anistia para as multas de quem desmatou até julho de 2008, a possibilidade de os estados definirem novos limites de preservação, sem participação do Governo Federal e a redução das áreas de proteção às margens de pequenos rios.

Agora, o relatório e as emendas aprovadas passam

por apreciação no Senado e depois voltam ao plenário da Câmara, podendo ainda serem mudadas. Caso os senadores aprovelem o texto da maneira que está, a expectativa ainda seria de que a presidente Dilma Rousseff vete as mudanças no Código, atendendo às demandas mínimas da agricultura familiar e camponesa.

Polícia reprime mais uma manifestação

Durante uma marcha pela legalização da maconha, no sábado, 21/5, a Polícia Militar de São Paulo reafirmou sua prática constante de reprimir violentamente manifestações populares. Após a liminar concedida pelo juiz Teodomiro Mendez, proibindo a Marcha da Maconha um dia antes de sua realização, sob o argumento de apologia às drogas, a marcha passou então a ser chama-

da de Marcha pela Liberdade de Expressão para prosseguir em ato. Todas as referências à maconha foram apagadas de cartazes e cobertas com fita adesiva preta nas camisetas.

A tropa de choque foi acionada para impedir que as ruas fossem tomadas, e entrou em confronto com cerca de dois mil manifestantes que participavam do ato, concentrados no vão do MASP e que se dirigi-

am ao centro da cidade. O choque seguiu os manifestantes pela Avenida Paulista, Rua da Consolação e ao longo de todo o percurso, disparando balas de borracha, bombas de efeito moral, gás lacrimogênio e gás de pimenta.

Em resposta a repressão policial, a Marcha da Liberdade foi realizada no sábado, 28/5, no vão livre do MASP, em repúdio à violência e à censura do Estado.

Dalmo Dallari questiona papel do STF no caso Battisti

Com a confirmação do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a continuação das discussões sobre a extradição do ex-ativista político italiano Cesare Battisti, para o próximo dia 1/6, o jurista Dalmo Dallari lançou seu artigo mais contundente sobre o caso até o momento. Dallari afirmou que ao "manter Battisti na prisão, sem que haja qualquer fundamento legal para isso, o STF comete 'ato de extrema violência', agravado pela 'farsa processual' que 'desmoraliza a Suprema Corte brasileira'".

O artigo "Prisão ilegal de Battisti: uma farsa jurídica" de Dallari pode ser lido na íntegra no site naufrago-datopia.blogspot.com. A diretoria da APROPUC adere ao manifesto do jurista e exige a imediata libertação de Battisti.

Fórum de Comunicação Popular de Taboão da Serra

Ao contrário do que foi noticiado na última edição do *PUCviva*, a rádio Comunitária em Taboão da Serra não teve seu embrião em um curso da Pós-graduação da PUC-SP e sim no Projeto de Extensão da Graduação do Curso de Serviço Social da universidade, em Convênio com a PMTS.

O projeto foi coordenado pela professora Bia Abramides e o trabalho da rádio foi iniciado por Marco Antonio Ribeiro (Marcão).

ROLA NA RAMPA

Neto de Trotsky realiza conferência no TUCA

Será realizada no próximo dia 6/6, às 19h30, no TUCA, a conferência com Esteban Volkov Bronstein, neto do líder revolucionário Leon Trotsky. Volkov foi o único sobrevivente da família de Trotsky, que foi toda assassinada a mando de Stalin na década de 30. Aos 14 anos de idade, Volkov presenciou a morte de seu avô no México, em 1940, por um agente stalinista.

Mesmo com a morte de Trotsky, sua obra, seu legado e suas ideias permanecem vivas para a classe operária mundial e presente em cada luta travada pelos trabalhadores contra a burocracia que contamina o movimento operário.

Volkov dedicou sua vida a preservar e defender a obra e o legado de seu avô, que sofreu ataques de todos os lados, com fasicificações, campanhas difamatórias e calúnias de todo tipo. Ele fundou o Museu Leon Trotsky, que funciona na antiga casa do avô, no México, e agora vem ao Brasil, aos 85 anos de idade, para ministrar conferências públicas sobre a atualidade da obra e a vida de Leon Trotsky. Com realização da Editora Marxista e co-organização da APROPUC, Flaskô, Sindicato dos Químicos-SP e Sindicato dos Vidreiros-SP, Volkov também realizará conferências em Santa Catarina e Pernambuco.

PUC-SP recebe István Mészáros

A PUC-SP recebe, novamente, no TUCA, no dia 8/6, das 19h30 às 22h, uma conferência com o filósofo húngaro e um dos mais importantes intelectuais marxistas da atualidade, István Mészáros.

Promovido pela Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, Departamento de História, Núcleo de História e Poder e a APROPUC, o evento irá debater a "Crise Estrutural do Capital e Atualidade do Socialismo".

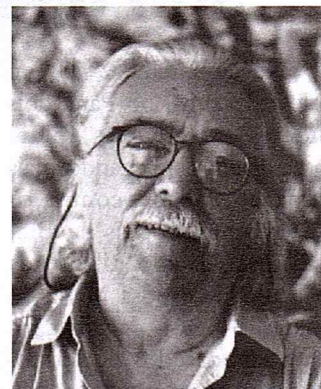
Ciclo de filmes debate jovens e política

Nos dias 6, 7 e 8/6, no auditório Paulo Freire (auditório superior do teatro TUCA), em sessões das 11h às 13h30 e das 18h às 20h30, ocorrerá um ciclo de filmes para debater a questão do jovem na política. No dia 6 será exibido o filme, A Rede, de David Fincher, já no dia 7, Nome Próprio, de Murilo Salles e para fechar o debate, no dia 8, Paranoid Park, de Gus Van Sant, seguido de debate. O evento está

sendo promovido pela Faculdade de Ciência Sociais, pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e pelo professor Edson Passetti, e contará com uma mesa de debates com a professora Salete Oliveira, do Departamento de Política da PUC-SP e pesquisadora do Nu-Sol e da professora Cecília Coimbra, Universidade Federal Fluminense - UFF e Grupo Tortura Nunca Mais - RJ.

Roberto Freire é tema de exposição

O Museu da Cultura recebe, no próximo dia 1/6, às 19h, a abertura da exposição "Roberto Freire: Uma existência libertária". Organizada pela Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP e pelo Núcleo de Sociabilidade Libertária, programa de pós-graduandos em Ciências Sociais, a mostra contará com textos, teatro, filmes, vídeos, música e rodas de conversa sobre a vida e obra de Roberto Freire. A exposição poderá ser visitada durante todo o mês de junho. O Museu da Cul-



tura funciona de segunda e quarta, das 11h30 às 19h, e de terça, quinta e sexta, das 14h às 19h.

Professora Rosalina dá depoimento em novela sobre a ditadura militar

Trazendo a questão da ditadura militar brasileira, muito pouco debatida na sociedade e muito menos na televisão, a novela do SBT, Amor & Revolução, mostra além de seus episódios cotidianos, depoimentos de militantes que sofreram com a repressão dos militares. A professora Ro-

salina Santa Cruz, do curso de Serviço Social da PUC-SP, ex-presa política, também foi chamada para relatar as torturas e repressões que sofreu por ser uma lutadora por um Brasil democrático. Confira o depoimento em: <http://www.youtube.com/watch?v=Onr8T5XUaqk>.

Estudantes da Faficla realizam assembleia

Os estudantes dos cursos que compõem a Faculdade de Filosofia, Comunicações, Letras e Artes (Faficla) realizam nesta terça-feira, 31/5, assembleias, às 11h30

e 18h30, no Pátio do Centro Acadêmico Benevides Paixão, para discutir as mudanças que ocorrerão com as obras no Corredor da Cardoso de Almeida.

AFAPUC nomeia comissão para processos eleitorais

A AFAPUC nomeou a comissão eleitoral que determinará os prazos e normas para as eleições sucessórias da entidade para o biênio 2011-2013. A comissão será formada por Margarida Maria Moreira da

Silva Couto, Maria Aparecida Alves de Souza e João Ribeiro Campos e também deverá encaminhar o processo eleitoral para o Conselho, Ceecom, Complad e demais conselhos da universidade.

COMUNA DE PARIS - 140 ANOS

TOMANDO O CÉU DE ASSALTO



FOTOS MARINA DAQUINO

A plateia lotou todos os debates da comemoração

Entre os dias 18 de março e 28 de maio de 1871, os revolucionários franceses, em sua maioria proletários, iniciaram um dos movimentos mais radicais da história moderna. Durante 72 dias o proletariado francês assumiu o governo de Paris, numa experiência que constituiu-se em referência para todos aqueles que se dedicam ao projeto de emancipação humana.

Neste ano comemoramos os 140 anos da Comuna de Paris e a APROPUC, Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais (NEILS), Núcleo de História, Trabalho Ideologia e Poder e o Conselho dos Centros Acadêmicos da PUC-SP (CCA) organizaram um dos maiores eventos da história recente da PUC-SP. Foram dez mesas contando com a participação de cerca de 40 professores, intelectuais e militantes, que elogiaram sempre a organização, e também a pluralidade dos discursos do evento.

Havia espectadores de diversas partes do país, e o evento foi transmitido ao vivo pela internet pelo site da Casa dos Meninos, sendo assistido pelo Brasil afora e também pela América Latina, de acordo com informações que chegaram aos organizadores. A semana lotou os auditórios da universidade, tanto que foi preciso, em algumas palestras, transferir parte dos espectadores para a sede da APROPUC, onde um telão reproduzia os debates.

Durante o fechamento desta edição ainda ocorriam debates e eventos culturais na PUC-SP. Na próxima edição do *PUCviva* estaremos relatando estes eventos, que poderão ser vistos ainda esta semana no site da APROPUC, www.apropucsp.org.br

No período da tarde, aconteceram eventos culturais, como a projeção de filmes e debates, além de shows de música, teatro e performances, todos relacionadas à temática da Comuna de Paris.

Durante toda a semana ocorreram lançamentos de livros e revistas, com destaque para o lançamento do n° 40 da Revista *PUCviva* que tratou exclusivamente do tema (veja matéria nesta página). Editoras como Boi-

tempo e Expressão Popular estiveram presentes nos debates, com bancas para a venda de seus livros. A APROPUC lançará brevemente DVDs com a íntegra dos debates.

Nesta edição especial relatamos os principais momentos desta discussão, que não para por aqui, mas continua nos próximos meses com o lançamento de mais uma edição da Revista *PUCviva* abordando outros aspectos da Semana.

REVISTA DEBATE A COMUNA DE PARIS

Durante a Semana aconteceu o lançamento da Revista *PUCviva* n°40, que tratou exclusivamente de temas relacionados aos 140 anos da Comuna de Paris.

A revista conta com doze artigos de professores da PUC-SP e de outras universidades, além de militantes e intelectuais. São nomes importantes como Osvaldo Coggiola, que abordou a Comuna e a Primeira Internacional Operária, Armando Boito Jr, que falou sobre o caráter operário da Comuna, e Valério Arcary, que tratou das análises de Marx após o massacre do movimento.

Segundo Maria Beatriz Abramides, presidente da APROPUC, os artigos problematizam o contexto em que aconteceu a Comuna, abordan-



Bia Abramides durante o lançamento da revista *PUCviva*

do as derrotas de 1848 e 1830, assim como a Primeira Internacional e a Guerra Franco-Prussiana.

Trata-se de um conjunto de questões polêmicas que colocam em pauta a importância dessa experiência revolucionária, e auxiliam a combater os desafios impostos na atualidade para se chegar a emancipação da sociedade.

PUCviva

Edição especial 30/5/2011

ARTE E CRÍTICA POLÍTICA MARCAM ABERTURA

A mesa de abertura da semana se iniciou com uma apresentação do professor Henri de Carvalho, do Centro Universitário Metropolitano de São Paulo, que falou sobre as contribuições artísticas que o pintor francês Gustave Courbet proporcionou para o movimento operário da época. Carvalho explicou que Courbet foi um dos grandes responsáveis pela representação estética da época, com obras que retratavam a realidade vivida pelos *communards*.

Em seguida, a maior parte da manhã foi tomada pela conferência cheia de polêmicas feita pelo escritor português João Bernardo, que já militava desde a década de 1960 no Partido Comunista Português (PCP), e veio exilado para o Brasil em 1984, incentivado pelo professor Maurício Tragtenberg.

João Bernardo afirmou que

tanto Karl Marx quanto Mikhail Bakunin tinham visões extremamente pessimistas sobre a Comuna. Enquanto Marx temia que a população se precipitasse ao tomar o poder em Paris, em meio ao contexto da guerra Franco-Prussiana, Bakunin acreditava em uma sublevação imediata, e não achava que isso pudesse acontecer em Paris. De acordo com Bernardo, Bakunin, que estava na França nessa época, chegou a dizer a seus companheiros em carta que uma ida a Paris significaria desperdício de dinheiro.

Para o escritor, a análise de Marx e Bakunin era sensata, pois as forças políticas mais estacionárias estavam em Paris. Entretanto, não há previsões na história, explicou ele, há apenas pensadores que estavam seguindo uma determinada linha e acertaram. Isso pode acontecer ou não.

Bernardo incitou o debate ao



A mesa de abertura do evento

afirmar que a Comuna de Paris foi mitificada, e só chegou a esse ponto devido à sua curta duração - apenas 72 dias. Segundo ele, se a experiência tivesse durado mais tempo as contradições das forças de esquerda que a compunham apareceriam. "Não houve tempo para que as várias correntes se digladiassem", afirma.

Ele ainda criticou a mitificação que a esquerda faz da Comu-

na: "A Comuna é mito, estatuto dos santos da Igreja Católica. Aqueles que todos veneram, mas ninguém segue".

Também participaram da mesa, que foi coordenada pelo estudante Carlos Eduardo Pinto Vergueiro, do Centro Acadêmico de Ciências Sociais Bia Abramides, o professor e organizador do evento, Lucio Flavio Rodrigues de Almeida.

CONVIDADOS DEFENDEM O DOMÍNIO DOS TRABALHADORES

Na noite de segunda-feira, 23/5, com a sala 239 lotada muito além da sua capacidade, a professora Maria Beatriz Costa Abramides, presidente da APROPUC (Associação dos Professores da PUC-SP), fez a primeira fala, em que ressaltou a atualidade de uma das lições que a Comuna deixou: a separação entre Igreja e Estado, se referindo à intervenção da Fundação São Paulo na direção da Universidade.

O professor José Paulo Netto, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), explicou o conceito de ditadura do proleta-

riado. Segundo ele, para Marx, uma ditadura significava a primazia de uma classe no controle do Estado, e "não trazia à tona a excepcionalidade ao arbítrio". Ou seja, uma ditadura do proletariado indica um tipo de Estado sob o controle dos trabalhadores. José Paulo explicou que hoje o Brasil vive uma ditadura da burguesia, pois essa é a classe no comando do Estado.

A concepção de Estado como fonte de dominação também foi ressaltada na fala de Bia Abramides, que defendeu a autonomia da organização partidária.



A plateia lotada durante a primeira noite do evento

Segundo ela, o politicismo foi um dos elementos que levou ao processo de ilusão da sociedade.

Outro componente da mesa, um dos dirigentes do Partido da Causa Operária (PCO), Antonio Carlos Silva, trouxe à tona alguns exemplos atuais dessa ditadura da burguesia, como a recente repressão policial à Marcha da Maconha, a ideia de colocar a PM dentro do campus da USP. Para ele, "a Comuna não deve ser colocada em um museu, mas ser vista como uma escola da luta de classes".

O professor da Faculdade de

Economia e Administração da PUC (FEA), Jason Borba, levou a discussão para a América Latina. Jason explicou que o Brasil está no centro, ficando cada vez mais poderoso e influente em relação aos países periféricos, especialmente os latinoamericanos. Ele afirmou que o destino da América Latina será decidido no núcleo sudeste do Brasil e na região de Buenos Aires, na Argentina, onde se concentram as indústrias de ponta, e é nessa parte do continente que a luta de classes vai estourar, e o operariado fará sua revolução.

COMUNA, ESTADO BURGUEÊS E AMÉRICA LATINA

A mesa matutina de terça-feira teve início com a apresentação do professor Paulo Barsotti, que refutou as teorias dos críticos de Marx que o acusam de defensor do Estado e da burocracia autoritária. Pelo contrário, explicou, Marx queria a destruição do Estado e lutava contra as alienações da sociedade burguesa, como economia, igreja e política. Isso não significa que Marx não tivesse um pensamento político. Segundo Barsotti, a ideia era que a sociedade criasse o Estado e não o contrário.

O professor Antonio Ozaí, da Universidade de Maringá, também demonstrou descontentamento com o Estado burgueês em sua intervenção. De acordo com ele, a social democracia nasceu com uma proposta comunista, mas a partir do momento em que viu seu crescimento eleitoral "se adaptou ao Estado burgueês, e se tornou nacionalista e patriota, se afastando "da utopia de uma sociedade sem pátria e sem patrões".

O professor Áquilas Mendes, da Faculdade de Administração e Economia (FEA PUC), apontou a questão do Estado como fundamental, pois, de acordo com ele, o ponto central da comuna era a sua destruição. Levando a discussão para o que chamou de processos revolucionários da América Latina, ele ressaltou as profundas mudanças sofridas na Venezuela, por exemplo, após a ascensão do governo de Chávez. Nesse país, uma das complicações do processo é o excessivo poder do Estado, e a criação do partido socialista de cima para baixo, e não construído pelos trabalhadores.

O antropólogo mexicano Waldo Lao Fuentes acrescentou à discussão seu conheci-

mento e vivência das experiências sublevacionistas do México, como a Comuna de Oaxaca e os Caracóis da Selva Lacandona. Segundo ele, a questão central dessa luta é a busca por autonomia, especialmente dos povos indígenas. Ele apontou algumas características singulares desses movimentos, como o uso da internet para disseminar a luta e a busca pelos direitos coletivos dos povos indígenas.



FOTOS MARINA D'AQUINO

Da esq. para direita: Áquilas Mendes, Waldo Lao Fuentes, Júlia Chamis, Paulo Barsotti, Antonio Ozaí

SOCIALISMO SÓ COM DEMOCRACIA

O professor Valério Arcary começou a noite de terça-feira fazendo uma reconstituição histórica do que foi a Comuna de Paris. De acordo com ele, o movimento foi um ponto de partida para a elaboração da estratégia do movimento operário. Durante essa experiência, a primeira de autonomia dos trabalhadores, foi estabelecido que "quem faz as leis deve cumpri-las, e quem as cumpre deve fazê-las".

A professora Rosa Maria Marques, da Faculdade de Economia e Administração da PUC (FEA), afirmou que, mesmo com a derrota sangrenta, a Comuna deixou duas valiosas lições para o Marxismo.

A primeira de que não é bastante tomar o poder, é preciso construir o seu instrumento de manutenção do poder, destruindo o Estado burgueês para a construção de um novo dominado pelo proletariado. A segunda, a necessidade de manter no funcionamento do Estado a participação de todos.



Na noite de terça-feira, 24/5 a presença de Valério Arcary e das professoras Rosa Maria Marques (em pé) e Maria Angélica Borges, ambas da Fea.

Levando a discussão para a União Soviética, Edison Salles, da Liga Estratégia Revolucionária - Quarta Internacional (LER-QI), disse que a Revolução Russa não deu certo pelo que chamou de "motivos históricos" e considera que houve certo progresso, já que a revolução não acabou de imediato como a Comuna de Paris, que durou apenas 72 dias. Segundo ele, quando o stalinismo foi desmascarado, nos anos 1970, entrou em cena um forte discurso burgueês que negava Marx e acusou os atuais partidos de esquerda de adotarem esse dis-

curso ao invés de lutarem pela democracia operária.

Para Rosa, o socialismo sem democracia, como o visto na URSS, dificilmente irá suplantar o capitalismo. Maria Angélica Borges, também professora da FEA-PUC, explicou que nessa discussão trabalha-se com questões estruturais. "As contradições do capitalismo ainda não foram superadas e temos que enfrentá-las", aponta. Segundo ela, deve-se construir novos caminhos e não se pode abrir mão da luta de Marx, da história e da crítica.

MESA APONTA A DESTRUIÇÃO DO ESTADO COMO LIÇÃO DA COMUNA



FOTOS MARINA D'AGUIÑO

Da esq. para direita: Vito Gianotti, Milton Pinheiro, Vitor Sartori, Livia Cotrim, João Bocchi

Na quarta-feira pela manhã, o professor Milton Pinheiro afirmou que a Comuna de Paris significou uma ruptura com os modelos burgueses. Segundo ele, ao final de 1870 as lutas eram democráticas, e após 1871, passaram a ser revolucionárias. Ele ressaltou que a Comuna, primeira experiência do socialismo, não aconteceu na periferia do sistema capitalista, pois Paris já era um dos grandes centros do mundo.

Livia Cotrim, professora de Ciências Sociais no Centro Uni-

versitário Fundação Santo André, explicou que a Comuna não foi apenas a forma encontrada para a transição, mas a formulação efetiva de oposição ao capital, o que até então não existia. Segundo ela, a Comuna opõe-se ao Bonapartismo e ao Estado, não se tratando de uma nova forma deste último, e sim, uma experiência não estatal.

Ela aponta que o Estado não é intrínseco à organização humana, e nem uma forma legítima de organização de classe,

mas um obstáculo a ser superado. Outro componente da mesa, João Bocchi, afirmou a partir do livro Estado e Revolução, de Lênin, que o Estado é um produto irreconciliável da luta de classes.

Para Vito Gianotti, outras Comunas só virão se a sociedade construí-las, e não há determinismo que propiciará novas experiências como essa. Ele aponta várias lições da Comuna que devem ser usadas para a construção de novas lutas.

Segundo ele, não se pode confiar nas promessas da burguesia, que supera todas as suas crises, às custas dos trabalhadores. Também concluiu que o capital não tem pátria, o nacionalismo é burguês, e há a necessidade de destruição do Estado, que é estruturado para o capital. Outras lições apontadas por Gianotti são a luta por uma democracia popular, a necessidade de novos valores culturais, morais e éticos, e a luta pela democratização e internacionalização.

A COMUNA VISTA NA PERSPECTIVA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Na discussão de quarta-feira à noite a professora Lúcia Barroco, da Faculdade de Ciências Sociais, explicou que, segundo Marx, a emancipação do trabalho é pressuposto da emancipação humana. De acordo com ela, a Comuna tinha a perspectiva de fazer a emancipação econômica, com medidas que visavam o fim

da exploração pelo trabalho.

Uma grande dificuldade para a superação do capitalismo é, como apontou o professor Rubens Sawaya, da FEA-PUC, que o capitalismo transforma os seres sociais em indivíduos, e para fazer a revolução é necessária a força coletiva da sociedade como um todo. Ele explicou que no Estado capitalista

burguês estão todos uns contra os outros, e até mesmo o capitalista virou um funcionário descartável do capital: "Um diretor de uma empresa pode ser demitido a qualquer momento", aponta.

Segundo Sawaya, "contra uma força social como o capitalismo não existe força individual que se erga contra", apenas o conjunto, nunca individualmente.

O professor Marcos Del Roio, da Unesp, apontou que a dinâmica do capital age permanentemente para desorganizar, cooptar e destruir as classes subalternas.

Del Roio abordou a análise de Gramsci, que, por escrever grande parte de sua obra no cárcere, analisou a Comuna na chama da "perspectiva dos tempos longos", o que possibilitou colocar a experiência em um processo histórico de longa duração. Segundo ele, Gramsci

entendia a Revolução Francesa como um longo processo, iniciado em 1789 e finalizado em 1871. Nessa análise, até 1848, ano da Primavera dos Povos, o proletariado era apenas uma massa difusa, e daí em diante passou a ser um agente revolucionário.

O professor Edson Passetti, da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP analisou a Comuna da perspectiva cultural, e apontou que a arte nesse período foi muito importante, pela possibilidade generosa de todos participarem. Através de atitudes como literatura feita para a minoria, leitura de jornais pelos poucos que sabiam ler para alfabetizar as massas, a arte proporcionava a transformação do interior de cada um. Esse questionamento a respeito de si mesmo é o que Passetti caracterizou como a vida como obra de arte.



Na mesa de debates, da esq. para dir.: Edson Passetti, Rubens Sawaya, Vanderley Neri, Lúcia Barroco, Marcos Del Roio



FOTOS MARINA D'AGUIÑO

Ao lado, Tucarena lotado recebe a sessão de quinta-feira à noite da Semana. Acima, debate da manhã, da esq. para dir.: Carlos Eduardo Carvalho, Osvaldo Coggiolla, Aldo Sauda, Erson Martins Oliveira, Marcelo Buzzeto e Vera Lúcia Vieira.

MITO E REVOLUÇÃO NO MOVIMENTO DE 1871

A primeira fala da mesa de quinta-feira foi feita pelo professor da USP Osvaldo Coggiolla, que afirmou que a Comuna de Paris foi mitificada, transformada em uma lenda para o movimento da esquerda. Segundo ele, a Comuna foi feita por "pessoas de carne e osso, que não tinham necessariamente uma formação política". Ele ressaltou que os revolucionários não tinham consciência do que estavam fazendo, não tinham sequer um grande líder.

De acordo com o professor Carlos Eduardo Carvalho, da FEA PUC, a formação dos soviets na Revolução Russa foi vista como um renascimento da Comuna, uma autogestão dos trabalhadores. Porém, na transição para o regime de terror, esvaziou-se o poder dos soviets e estabeleceu-se a ditadura. O essencial da Comuna e das idéias socialistas, aponta Carvalho, é a autogestão. "Os trabalhadores devem conduzir sua vida por meio da igualdade e da destruição da representação e segmentação", explica.

A principal lição da Comuna, segundo o professor Erson Martins Oliveira, ex-professor da PUC-SP, é que para os traba-

lhadores alcançarem a autonomia e derrotarem a ditadura da burguesia é necessário fazer a revolução. Segundo ele, o sangue derramado no massacre dos *communards* não deve ser lamentado, mas "deve-se entender e compreender a causa dessa violência", que é a ditadura de classes da burguesia.

A professora Vera Lúcia Vieira, da Faculdade de Ciências Sociais, levou a discussão para a realidade latino-americana e afirmou que se associa muito a Comuna aos inúmeros movimentos camponeses mexicanos. "Eles têm características muito semelhantes, como governo autônomo e não reconhecimento do Estado", afirma. Porém, deve-se analisar as condições objetivas em que as lutas ocorrem aqui, que tem características próprias, como a necessidade da devolução das terras para a produção.

Por fim, Marcelo Buzzeto, da Direção Estadual do MST, relacionou as lições da Comuna com a luta atual dos movimentos sociais. Segundo ele, falta ousadia, necessária para a construção de uma luta operária, e essa foi uma das principais lições deixadas. "Foi a ousadia da Comuna que nos fez entrar nessa luta", afirma.

A COMUNA SOB A ÓTICA DAS IDEIAS MARXISTAS

Em um Tucarena lotado, Armando Boito Jr., professor da Unicamp, iniciou a mesa de quinta-feira à noite. Ele explicou que Marx afirmou que a Comuna de Paris foi o primeiro movimento essencialmente operário, opinião tomada como verdade até a década de 1960, quando o historiador Jacques Rougerie apontou que a Comuna não tinha ideias socialistas, mas sim republicanas, dada a suposta composição dos *communards*.

Boito afirma, entretanto, que a documentação disponível sobre a Comuna prova empiricamente que Marx estava certo, apesar da Comuna não ter um programa socialista, era composta em sua maioria por operários e todas suas ações revolucionárias tomadas apontavam para o caminho do socialismo.

Antonio Carlos Mazzeo, professor da Unesp, refletiu sobre os conceitos de Estado, especialmente para Marx e Engels. Segundo ele, o contato com a Comuna influenciou as ideias deles e até mesmo do então jovem Lênin, que as usou durante a primeira fase da Revolução Russa. Para Marx e Engels, o Estado era uma instituição alienante, própria da domi-

nação da sociedade capitalista e burguesa, e necessitava, ser destruído, para que o poder fosse executado pela sociedade, na ditadura do proletariado.

Segundo Eliel Machado, professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL), o pensamento marxista, embora minoritário numericamente, teve muita força na composição da Comuna. Para ele, consistiam em influências marxistas a forma de organização, que era através da organização popular e os principais ideais apontados como o "tripé" da Comuna: o antiburocratismo, a democracia direta e o pluralismo político.

Por fim, o professor Alexandre Hecker levou uma abordagem cultural para a mesa, falando sobre o clássico da literatura de Émile Zola, "La Débâcle" (1892). Ele contou um pouco da história do livro, que trata da Guerra Franco-Prussiana e da Comuna de Paris.

De acordo com Hecker, Zola aborda no livro a ideia de que a Comuna foi uma insensatez, mas uma insensatez que se mostrou heroica e atribuiu ao patriotismo dos franceses a existência dessa experiência revolucionária.

EVENTOS CULTURAIS RESGATAM O LEGADO DA COMUNA DE PARIS

Durante a Semana, no período da tarde, também aconteceram eventos culturais. Na segunda e terça-feira houve a exibição do longa *La Commune* (2000), de Peter Watkins, que abordou a luta por uma sociedade igualitária travada na Comuna de Paris. Na quarta-feira houve a conclusão do filme seguida de debate com o professor Mauro Peron.

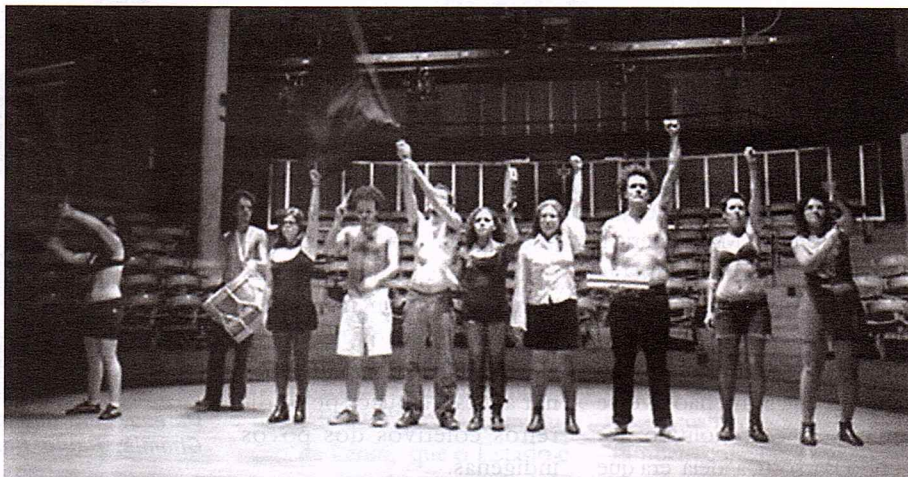
Na quinta-feira, um Tucarena lotado deu espaço para apresentações de teatro e música.

O grupo Nu-Sol, coordenado pelo professor Edson Passetti, apresentou a aula-teatro *Eu, Émile Henry. resistências*, que mostrou um pouco do jovem anarco-terrorista Émile Henry, filho de um *communard* que fugiu para a Espanha, e suas contestações às desigualdades da sociedade. A aula-teatro, que foi dividida em "A bomba", "O que me leva a jogar a bomba", e "Eu me recuso a ser governado", mostrou a prática dos anarquistas como uma recusa e uma resposta ao terrorismo do Estado.

Em seguida foi a vez da performance teatral aplaudida de pé de Beatriz Tragtenmberg, "Lembrando de Louise Michel", uma homenagem à artista, que era anarquista, e lutou bravamente na Comuna e se tornou símbolo das lutas das mulheres naquele período.

Segundo Beatriz, "a Comuna foi um dos poucos e únicos momentos de autogestão que houve na humanidade, o primeiro deles, e, portanto é importantíssimo lembrar sempre". Ela aproveitou para lembrar da revolução espanhola, durante a Guerra Civil da década de 1930, que "também desenvolveu a autogestão política e pedagógica, sem burocracia, que é o que estamos precisando para a vida em uma sociedade mais igualitária", afirma.

Fechando a programação, o Sexteto Mundano, com Arnaldo França e Carlinhos Antunes, apresentou junto com a cantora Ligiana, belíssimas canções relacionadas à luta por uma sociedade igualitária, com a autonomia dos trabalhadores.



FOTOS MARINA DAQUINO



Cenas dos eventos culturais que marcaram a noite de quinta-feira, no Tucarena. Acima, a aula-teatro 9 do Nu-Sol, "Eu, Émile Henry. Resistências". Ao lado, a cantora Ligiana, que na ocasião foi acompanhada pelo Sexteto Mundano e, abaixo, Bia Tragtenmberg, que interpretou a obra de Louise Michel. Ao final de sua apresentação, Bia entregou cravos vermelhos aos presentes, em referência ao anarquismo.

